INSURGÊNCIAS LITERÁRIAS DE AUTORIA NEGRO-FEMININA¹

BLACK-FEMALE AUTHORITY LITERARY INSURGENCES

Ana Rita Santiago²

RESUMO: A produção literária de algumas autoras negras brasileiras apresenta-se, frequentemente, marcada por uma gramática literária atravessada por táticas insurgentes de visibilidade e dessilenciamento de suas vozes autorais, bem como por temas e propósitos que se ancoram em tensionamentos do sexismo, a necropolítica e o racismo, com tons denunciativo e propositivo, e em poéticas de (re) existência, sonhos e memórias. Diante disso, este artigo faz leituras descritivo-interpretativas de algumas de suas tessituras poéticas, aportadas em princípios do devir-revolucionário (DELEUZE, 1990), resistências (FOUCAULT, 2002), (re) existência (SANTIAGO, 2018) e em algumas postulações da necropolítica (MBEMBE, 2018).

PALAVRAS-CHAVE: Poética de (re) existência. Insurgências. Escritoras Negras.

ABSTRACT: The literary production of some black brazilian authors is often marked by a literary grammar crossed by insurgent tactics of visualization and desilencing of their authorial voices, as well as by themes and purposes that are anchored in tension of sexism, the necropolitics and the racism, with denunciative and propositional tones, and in poetics of (re) existence, dreams and memories. In view of this, this article makes descriptive-interpretative readings of some of its poetic texts, based on principles of revolutionary becoming (DELEUZE, 1990), resistances (FOUCAULT, 2002), (re) existence (SANTIAGO, 2018) and in some postulations of necropolitics (MBEMBE, 2018).

KEYWORDS: Poetics of (re) existence. Insurgencies. Black Writers.

¹ Artigo recebido para avaliação em 18/05/2020 e aceito para publicação em 15/07/2020.

² Doutora em Letras (UFBA); Professora de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. É líder do Grupo de Pesquisa Linguagens, Literaturas e Diversidades (CNPQ); Membro do GT da ANPOLL A mulher na Literatura. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7639-7321>. E-mail: anaritasilva@ufbr.edu.br.

Algumas Palavras Iniciais

[...] Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondiam-me:

– É pena você ser preta.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabaça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar preta.

(JESUS, 2012, p.65)

Este é mais um tempo histórico em que urgem narrativas, poéticas e discursividades que promovam pensar sobre modos de (re) existências semelhantes à dicção da autora-narradora-personagem Carolina Maria de Jesus e de tantas outras escritoras negras como Maria Firmina dos Reis, Auta de Souza, Gilka Machado, Beatriz Nascimento, Antonieta de Barros, Nivalda Costa, dentre outras, que reinventaram suas existências, identidades e histórias negras! No tempo presente, Ana Maria Gonçalves, Aline França, Geni Guimarães, Miriam Alves, Elizandra Souza, Cidinha da Silva, Alzira Rufino, Conceição Evaristo, Mel Adún, Livia Natalia, Cristiane Sobral, Jovina Souza, Jocelia Fonseca, Lubi Prates, Vânia Melo, Rita Santana, Mel Duarte, Ana Fátima Cruz, Urânia Munzanzu, Hildalia Cordeiro Fernandes, Joelma Santos, Gonesa Gonçalves, Lidianne Ferreira, Tatiana Nascimento, Lita Passos, Fátima Trinchão Jarid Arraes, Louise Queiroz, Eliana Cruz etc. também se apoderam da palavra para cantar os seus sonhos, emoções e, igualmente, recrir o vivido e narrar memórias, culturas e lutas negras.

A literatura de autoras negras, neste íterim, objetiva, por vezes, criar discursos poéticos e narrativos que ficcionalizem as suas histórias e memórias, os seus projetos, realizações e também, por vezes, os conflitos, sofrimentos e resistências³ resultantes das experiências do racismo e sexismo, por elas inventadas, vividas ou presenciadas. Com as suas sintaxes literárias, elas, inclusive, tecem versos e prosas em que se negociem identidades, valorizam

³ Os sentidos atribuídos à resistência transitam como formas de poder (FOUCAULT, 2002) entre o combate e o enfrentamento, individuais e coletivos, de dominações, racismo, sexismo e intolerâncias. Já o sentido de (re) existência (SANTIAGO, 2018) aqui é relacionado ao assenhoreamento da escrita por autoras negras como modos de reinvenções do existir.

e mobilizam como exercício de insurgência, histórias, ancestralidades e repertórios culturais afro-brasileiros. Além disso, compreendendo a literatura como uma possibilidade de fortalecer a potência da vida e, em contramão, tensionar a necropolítica, elas inventam narrativas e poemas que entoem cantos às vicissitudes da existência, tais como o nascimento, a vida, a morte e os sentimentos, sensações e inerências associados ao existir – alegrias, dores, (des) amores, (des) ilusões, dissabores, ciúmes, tristezas, esperança etc. –. Para tanto, elas buscam garantir estratégias de escrita, publicações e divulgação de suas produções literárias, a fim de romper com o esquecimento e a não autorização a que, historicamente, se submetem suas vozes e autorias.

As suas tessituras não se configuram por sobreposição àquela elaborada pelos homens, tampouco são compreendidas, por seu estilo, conteúdo e forma, como expressões de uma suposta natureza ou subjetividade feminino-negra por serem escritas por mulheres negras. As suas temáticas, narratividades, vozes e representações são, pois, definidoras de suas escrituras, as quais são provocadas pelas vivências socioculturais e as relações de gênero e étnico-raciais, entrecruzadas pelo desejo de palavras literárias emancipatórias e tatuadas por memórias e histórias insurgentes de si (nós). Com tal exercício, elas têm cumprido a arte de escrever como um devir-revolucionário, com um árduo labor de dessilenciar as suas vozes autorais e forjar as suas palavras criativas.

A produção literária de algumas autoras negras brasileiras apresenta-se, frequentemente, marcada por uma gramática literária atravessada por táticas insurgentes de visibilidade e dessilenciamento de suas vozes autorais, bem como por temas e propósitos que se ancoram em tensionamentos do sexismo, a necropolítica e o racismo, com tons denunciativo e propositivo, e em poéticas de (re) existência, sonhos e memórias. Diante disso, este artigo faz leituras descritivo-interpretativas de algumas de suas tessituras poéticas, aportadas em princípios do devir-revolucionário (DELEUZE, 1990), resistências (FOUCAULT, 2002), (re) existência (SANTIAGO, 2018) e em algumas postulações da necropolítica (MBEMBE, 2018). As suas escritas, pois, como se apresenta neste texto, têm desenhado dobras e trânsitos de uma literatura atravessada por temas que se circunscrevem entre tradições, identidades, a vida cotidiana, o mundo e as reinvenções do (re) existir.

(Re) Invenções de Existências de Autoras Negras

21 de Julho: Passou um senhor e perguntou-me:

– O que escreve?

– Todas as lembranças que pratica os favelados,
estes projetos de gente humana.

(JESUS, 2007, p. 20)

A escrita de mulheres negras brasileiras tem desfilado como uma gramática literária sulcada por temas que transitam entre anseios por transformações e ressignificações de existências e por fios históricos, imaginários e existenciais que tecem, descontínua e paulatinamente, tal como a autora-narradora Carolina Maria de Jesus inventa no seu discurso autobiográfico. Em suas escrituras, elas inventam vozes, modos e motivos de existir e permanecer vivas. Com figuras e universos diferenciadores, quiçá, insurgentes, como potências de vida e longe da esfera das representações hegemônicas, elas criam possibilidades de sentidos de existir, entrecruzados pelo Eu e Nós, contrapondo-se às discursividades, demarcações, geografias e práticas que lhes fixam em “lugares” de silenciamentos, subjugações, controles e interdições, como entoa a voz poética de “Tecitura”, de Louise Queiroz⁴.

Cosi nas entranhas
de meus segredos
a espera sinuosa
neguei-lhe os olhos,
a cicatriz, o luto
tecendo e destecendo o manto
guardei nas fendas do Tempo
o retrato de minha memória.
O rio envelheceu vinte anos
as noites grávidas de silêncio
bordaram escamas nas mãos ruidosas
tecendo e destecendo o manto
colhi no oculto dos olhos
um adeus naufragado na língua
da solidão em que me banho.
(QUEIROZ, 2029, p. 25)

⁴ Louise Queiroz já participou da antologia poética *Cadernos Negros e Enegrescência* (2016). É autora do livro de poemas *girassóis estendidos na chuva* (2019).

À palavra, nesses versos, cabe o papel de coser, na intimidade da voz que se desvela, em silêncio e solidão, a existência e, concomitantemente, destecer rastros de lembranças e recordações esparsas deixadas pelo tempo passado e inventar memórias de um tempo no presente. As marcas dolorosas, inclusive, são cantadas como elementos integrantes relevantes para a costura de si e as suas transmutações peculiares ao devir de existir.

Tal dizer de si implica em um contínuo destecer-se e compreender que do autoconhecimento derivam ressignificações, tal como se refere M. Foucault (1985) ao discorrer sobre o cuidado de si. Para ele, ao retomar o pensamento de Sócrates e F. Nietzsche, tal cuidado é uma ética que, além do conhecimento de si, consiste em construir modos de autogovernabilidade e autopercepção, acompanhados de um conjunto de práticas e dispositivos de existência que o sujeito dá a si mesmo promovendo, segundo sua vontade e desejo, uma forma ou estilo de vida culminando em uma “estética da existência”. Ao contar de si, ela se permite trilhar sobre si mesma, autoconhecendo, reconhecendo-se como uma figura que carrega em seu corpo cicatrizes, segredos, silêncios e luto e toma nas mãos os seus próprios caminhos e águas.

Em suas dicções literárias, pois, autoras negras reverterem e mobilizam as significações hegemônicas de si (nós) e, concomitantemente, forjam narratividades de construção de outras existências e desenham sentidos e dobras de se estar e inventar mundos, como canta o eu-lírico de “Mulher Negra em Movimento”, de Jovina Souza⁵.

Sigo para alargar caminhos,
dar passos certos no passar
das horas.
Vou no tempo refazendo,
não descanso,
não enxergo retornos.
Interessa-me o novo.
Não guardo ausências,
não sou de renúncias,
pois, de tudo preciso.

⁵ Jovina Souza já participou de várias antologias, dentre elas, dos *Cadernos Negros* (Quilombhoje) e já publicou os seguintes livros de poemas *Agdá* (2012); *O caminho das estações* (2018); e *O amor não está* (2019).

Sou diversa e convergente.
Refaço rosas machucadas
e me dou de presente
no meu espelho diário,
onde meu título de rainha
é permanente.
(SOUZA, 2018, p. 17)

Com altivez, essa voz se auto-apresenta longe de lugares, tempos, estados sólidos e estáveis, forjando, em seu percurso, oportunidades de se redesenhar, refazendo-se, além de ousar escrever de si e perseguir o novo. Destemida e perseverante, ela se reinventa, narrando de si; e reafirma o seu reinado, olhando-se.

Como um exercício insurgente de escrita de si, como apresenta Foucault (1997), tais versos tratam-se de “[...] não de perseguir o indizível, não de revelar o que está oculto, mas, pelo contrário, de captar o já dito; reunir aquilo que se pôde ouvir ou ler, e isto com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si [...]”. (FOUCAULT, 1997, p. 130). Assim a escrita de si, como um “dizer” de si para si e os (as) outros (as), não de forma intimista, semelhante aos convencionais diários, reverbera, nesses versos e em escritas literárias, aqui salientadas, como um ato de conhecimento, constituição e desnudamento de si. Nessa perspectiva, é uma prática discursiva autoral que pode, inclusive, operacionalizar alocações tidas como verdadeiras ou hegemônicas em probabilidades de reversões de olhares e recriações de si e reinvenções de outras, deslocando-se do território de personagens para autoras. Tal movimento, indubitavelmente, metamorfoseia, não só o transcurso de suas vidas, mas também das trilhas literárias e de suas auto-narrativas, tal qual a Água, a voz poética-personagem do poema “Asé”, de Lívia Natália⁶.

Sou uma árvore de tronco grosso.
minha raiz é forte, nodosa,
originária,
betumosa como a noite.

⁶ Lívia Natália ganhou o Concurso Literário do Banco Capital em 2011, Categoria Poesia, com o livro *Água Negra*. Também é autora de *Correntezas e outros estudos marinhos* (2015), *Poesias*; *Águas Negras e Outras Águas* (2016); *Dia Bonito pra chover* (2017); *As aventuras fantásticas de Lili* (2017) e *Sobejos do mar* (2017). É Mestre e Doutora em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura pela UFBA. Atualmente é Professora Adjunta de Teoria da Literatura da UFBA.

O sangue,
 ejé que corre caudaloso,
 lava o mundo e alimenta
 o ventre poderoso de meus Orixás.
 A cada um deles dou de comer,
 um grânulo vivo do que sou
 com uma fé escura,
 (borrão na escrita do deus de olhos docemente azuis).
 Minha fé é negra,
 e minha alma enegrece a terra
 no ilá
 que de minha boca escapa.
 Sou uma árvore negra de raiz nodosa.
 Sou um rio de profundidade limosa e calma.
 Sou a seta e seu alcance antes do grito.
 E mais o fogo, o sal das águas, a tempestade
 e o ferro das armas.
 E ainda luto em horas de sol obtuso
 nas encruzilhadas.
 (SOUZA, 2011, p. 33)

Água, voz que se quer negra, se auto-percebe exuberante e diversa, além de se autodeclarar árvore negra de raiz nodosa. A auto (re) apresentação da Água, que também se descreve destemida e guerreira, é perfilhada como uma árvore cor da noite e do betume. Esse traço identitário marcante e quase visceral é o principal nutriente que alimenta e sustenta a terra e o que lhe circunda. Mais ainda é pela e com a própria negrura que cumpre com o seu atributo: enegrecer a terra. Uma voz de múltiplas faces desfila nesses versos: além de rio e árvore, é também seta, fogo, sal, tempestade e ferro.

De todas essas identidades, emanam ações específicas e relevantes, as quais garantem e justificam o seu existir que com elas se tece. Como um ser único, mostra-se diversa em seus vários papéis, os quais remetem e lembram divindades do panteão africano-brasileiro. Em busca da vida, de modo magnífico, semelhante às águas, escorrem, desmobilizando fixidez, flutuam, surpreendentemente, águas poéticas. Reconhecer-se água é muito mais que um eu metafórico, inventado pela linguagem; é, inclusive, revestir-se de possibilidades de forjar caminhos, outras águas e outros modos de existir.

Na literatura de autoras negras brasileiras, passeiam pré-dicas de (re) invenções de existências, em que se constroem outros modos de poetizar o existir. Como rotas de fugas, esse escrever e dizer de si (nós), nesse ínterim, tornam audíveis as suas vozes e quebram possíveis armaduras, garantindo, poeticamente, desditos de si e (re) inscrições de faces negras na arte literária. De personagens subjugadas, serviçais e com libido exacerbada, figuras femininas negras cruzam dicções literárias que se quer emancipadas e insurgentes, prenhes de amor, desejos, vida, utopias, mesmo cientes do tempo presente de distopias e desamores.

Não basta cantar e inventar existências! Como se denota no tópico seguinte, elas, como um ato de micropoder, também escrevem como prática do devir-revolucionário⁷, reconhecida como poética de resistência. Assim, as suas tessituras são vazões para não só dizer e escrever de si (nós), mas também para, em tom denunciativo, provocar os (as) leitores (as) quanto à prevalente necropolítica⁸ no Brasil, para reinventar modos de (re) existir e forjar alternativas de resistência, de (re) encontros e estar no mundo.

Poéticas da Resistência de Autoria Negro-Feminina

12 de junho Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa a pensar nas misérias que nos rodeia.(...) Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de pratas e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (JESUS, 2007, p.60).

⁷ O sentido de devir-revolucionário, apresentado por G. Deleuze (1990), refere-se às possibilidades de se construir práticas de enfrentamento de intolerâncias e respostas para expurgar a vergonha das atrocidades derivadas dos regimes fascistas e nazistas, viabilizando estratégias de se (re) ocupar e acreditar no mundo e em transformações, não mais, tão somente, pela esfera da macropolítica e da tomada do poder, mas também pelas revoluções cotidianas, notabilizadas por meio de atos militantes e de rebeldia no hodierno (micropoder).

⁸ O estudioso Achille Mbembe (2018) aponta a necropolítica como a ação do Estado, como instituição soberana, que exerce o poder e tem a capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer.

O relato testemunhal de Carolina Maria de Jesus traz à baila, nestes tempos de retomada do fascismo no Brasil, o sentido de devir-revolucionário, apresentado por G. Deleuze (1990), em oposição aos ideais da revolução social. Por esse devir, segundo Deleuze, é possível construir práticas de enfrentamento de intolerâncias e respostas para expurgar a vergonha das atrocidades derivadas dos regimes fascistas e nazistas. O devir-revolucionário, para Deleuze, sob a esteira do estatuto das “máquinas de guerra”, é um dispositivo de criação de “novos espaços-tempos” (DELEUZE, 1990, p. 69).

Um devir-revolucionário, nesse aspecto, entrecruza as letras literárias dessa autora-narradora-personagem e, igualmente, de outras autoras negras no agenciamento de criação de suas poéticas de resistência como estratégias de autogovernabilidade e insurgências. Assim, elas operacionalizam potências e sentidos de vida diluídos no cotidiano (microsocial) quase sempre contornado por múltiplas formas de exclusão e segregação. Em meio à necropolítica e a outros dissabores, abandonos, racismo, dominação, misoginias, sexismo, desesperanças, o devir-revolucionário da escrita, talvez, permita-lhes sobreviver, resistir, quiçá, forjar alentos e linhas de esperança e soerguimento para si aos (às) seus (suas) leitores (as).

Como tal devir, elas imprimem, no fazer literário, uma atividade de resistência, tal sugerido por Foucault (2002), como uma ação que permite outras forças oriundas de um lado de fora do poder. Forças do devir, do cotidiano, de micropoderes e transformações que engendram possibilidades de vida tal qual reivindica a voz poética de “Resistência Preta”, de Ana Paula Oliveira⁹,

Quem sente sou EU!
A Pele preta é a minha...
O peso da cor é meu!
Não venha me dizer como agir,
porque Reagir é o que fazer!
Assim me ensinaram
meus antepassados Dandara e Zumbi...
a lutar contra ti!
Não venham me dizer que estou de mimimi...

⁹ Ana Paula Oliveira é membro do Coletivo Sarau da Onça.

Enquanto você não experimentou
não ter a cor do privilégio e resistir.
Não venha mais uma vez tentar silenciar a minha voz
Não vou me calar nunca mais!
Não vou desistir de lutar pelo que é o meu direito
Me respeite!
Sou uma Mulher Negra e exijo...
Me respeite e me deixe passar!
Isso não é um pedido
Se não abrir caminho...
Eu vou atropelar
Com a minha cor,
com o meu feminismo,
com a minha inteligência
e com toda a força dos meus ancestrais!
(OLIVEIRA, 2019, p. 52)

Com o potencial criativo, associado a uma multiplicidade de motes, temas, situações, inquietações e vivências, o eu-lírico feminino-negro impulsiona uma escrita pulsante, comprometida por um agir micropolítico, mobilizando resistências nutridas por tradições, ancestralidades e pelo passado histórico. Seus passos vêm de longe, mas o seu existir se situa no aqui e agora, do qual exige respeito e reações proativas. Nesse sentido, esses versos aproximam-se de uma prática de um devir revolucionário que “[...] permanece indiferente às questões de um futuro e de um passado da revolução; ele passa entre os dois. Todo devir é um bloco de coexistência”, como assegura Deleuze (1990, p. 63).

Aquilombada, a voz feminina e negra afirma, poeticamente, a sua negritude, construída por ancestralidades, histórias, inteligência, afrocentrismo, lutas, mas também por experiências, advindas do racismo. Neste íterim, no poema de Cristiane Sobral¹⁰, em “Inusitada”, de uma voz poética-autoral ecoa modos de insurgência, no limiar da sua existência, para conquistar o seu lar, com o seu legado histórico e cultural afro-brasileiro.

¹⁰ Cristiane Sobral é atriz, escritora e já participou de várias antologias poéticas, dentre elas, *Cartões Negros*. Publicou as seguintes obras: *Uma boneca no lixo* (1998) (Dramaturgia); *Dra. Sida* (2000) (Dramaturgia); *Não vou mais lavar os pratos* (2010) (poemas); *Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção* (2011) (Contos); *Só por hoje eu vou deixar meu cabelo em paz* (2014) (Poemas); e *O tapete voador* (2016) (Contos).

Sou uma negra no Planalto Central
 procurando espaço no planejado avião
 lírio que rasga a secura do deserto
 colorindo a palidez do concreto
 Sou a negritude que colore a paisagem
 Empunhando um turbante com coragem
 Instaurando um reino meio à escravidão
 Madeira de lei confrontando
 O aglomerado da satélite indesejada.
 Sou da resistência no centro do país
 Lugar onde decidi viver e trabalhar como atriz.
 Pingando palavras férteis a secura do asfalto de fogo
 Oferecendo à elite o meu jeito africano de jogar jogo
 Poderia ser uma ilha
 Mas é a tal Brasília
 Empalidecida pelo barro
 Cidade que aprisiona pérolas em um inútil jarro
 Diaspóricos negros somos peregrinos na terra
 Caminhamos pelo planeta para vencer a guerra
 Sempre haverá oportunidade para brotar
 Em qualquer porto
 Em qualquer chão
 Estamos aqui desde os primórdios do mundo
 Resistindo, investindo
 Com palavra e ação
 A terra é nosso lar.
 (SOBRAL, p. 37)

Como poética de resistência no (do) cotidiano, esses versos inventam ações e posicionamentos também da voz poética-autoral negra que valorizam possibilidades criativas de estar no mundo e também de fazer política para além de organizações hegemônicas. Assim, o devir-revolucionário, nesse tom poético, constitui-se como possíveis formas de forjar outras formas de luta, intervenções e mobilizações através do discurso criativo, tendo em vista ações libertárias no (do) presente. É também uma possibilidade de criar incisivos, críticos e inovadores modos de resistências e insubmissão de seus corpos, vozes, histórias e caminhos.

A poética de resistência de autoras negras, pois, apresenta-se comprometida com mobilizações que promovam outros caminhos e modos de viver, como canta a voz poética de “Guerrear”,

de Jocélia Fonseca¹¹, que se declara guerreira de pequenas e grandes batalhas.

Se a vida é uma batalha
Serei guerreira
De punho em prumo
E garras afiadas...
Quero se possível escolher a guerra
Em que vou me confrontar...
Uma guerra quente e doce
Que eleve o espírito
E me dê prazer em lutar
E de quando em quando a alma cansada
Deitar e respirar profundamente
O saber de ter vencido cada batalha
E se não vencido...
Mas...
Vivida.
(FONSECA, 2012, p. 69)

Ao sujeito poético interessa mais estar sempre de punho em prumo. Vencer é salutar, mas lutar pela vida, hodiernamente, é mais primoroso e engrandecedor. Permanecer em confronto é um devir-revolucionário, por isso é uma prática existencial do presente que se reverbera em atitudes libertárias que operam no aqui-e-agora e em experiências que buscam relações horizontais, enfrentando as suas múltiplas batalhas.

A voz lírica “Minha alma”, meu conforto, de igual modo de Jocélia Fonseca, segue o curso dessa voz guerreira, mas em luta consigo mesmo.

Minha alma
Meu confronto, meu conforto,
Meu espírito de luta
Minha guerra interna
Meu saber-me forte
Meu espírito me conforta

¹¹ Jocélia Fonseca é poeta e arte-educadora. Além de ter alguns dos seus poemas divulgados em Folhas Literárias da Fundação Pedro Calmon, foi coordenadora do evento literário Quartinhas de Aruá e Sarau Canto de Letras na UCSal. Compõe, junto à Clea Barbosa e Lutigarde Oliveira, o Grupo Performático Importuno Poético, o qual lançou um livro com o mesmo nome do grupo e já está na 2ª edição. É Coordenadora do MSTB – Movimento Sem Teto da Bahia. É graduada em Letras. Foi homenageada no livro Mulheres do Vento Mulheres do Tempo.

A cama dura de paus
 O feijão suado
 A roupa feita a mão
 Meu ser que resiste
 O sonho que se move
 Encontra no infinito
 O desafio de continuar
 Vencer!
 Grita dentro, uma voz
 Firme, forte e suave.
 É o amor que confirma
 “quem disse que ia ser fácil”!
 (FONSECA, 2012, p. 67)

Tal voz, que canta um ser que resiste, aciona deslocamentos e sulcos de linhas à procura de outros agenciamentos de vida que consistam em fortalecer o eu que persiste em lutar e vencer a sua “guerra interna”. Como um ato de sua soberania e compromisso com a valorização e respeito a si mesma, apropria-se de suas próprias guerras e segue o seu percurso, confrontando-se. Quiçá, nesse limiar, inscreva-se um devir-revolucionário de um eu poético que trilha por conhecer a si mesmo e construir as suas trilhas pelos caminhos do amor e do empoderamento, confortando-se.

Vozes poéticas e narradoras também se mostram comprometidas, em um tom acusatório, com jogos discursivos que se erguem mediante a necropolítica, na perspectiva do filósofo Achille Mbembe (2018), isto é, uma política centrada na produção da morte em larga escala, característica de um mundo em crise sistêmica como desfila em “23 minutos”, de Livia Natália.

Quantas mães ainda vão chorar
 Vendo seus filhos
 Paridos às avessas,
 pelas armas do Estado?
 (NATÁLIA, 2017, p. 63)

Em tom de desabafo, com os seus pequenos e curtos versos, escancaradamente, o sujeito poético denuncia a ação certa do Estado em exercer o poder de determinar que os filhos pretos devam morrer. Neste sentido, matar ou deixar viver tornam-se atributos dessa soberania. Tal controle sobre a mortalidade e a

definição da vida torna-se um exercício soberano de poder. Assim, ao Estado legitima-se “[...] a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é ‘descartável’ e quem não é.” (MBEMBE, 2016, p. 127). Cumpre à poética de resistência desses versos lamentar o sofrimento de quem vive a dor e é, permanentemente, ameaçado e extirpado o direito de viver, sendo mira de horrores, crueldade e estado de injúria. É preciso “dizer” do choro inconsolável e da dor de mães que perdem seus filhos para as “armas do Estado”.

Outras vozes afins são recursivas na literatura insurgente de autoras negras. Acontecimentos e temas coadunados com generocídio e o extermínio de negros (as) são também reentrantes em suas tessituras literárias. Essas, de algum modo, inventam estratégias de denúncias, não mais tão somente pela esfera da macropolítica, mas também pelas resistências cotidianas, notabilizadas por meio da palavra literária (esfera microsocial).

Como poética de resistência, suas sintaxes literárias podem *dizer* aos pequenos e grandes grupos e aos múltiplos territórios e tempos sobre as injustiças e as desigualdades sociais e raciais como narra a memória poética “perdi seu corpo negro”, de Lubi Prates¹².

perdi seu corpo negro
perdi seu corpo negro
na cidade
durante aquela primavera
que tivemos.
perdi seu corpo negro
na cidade
porque sequer nos alcançamos:
corremos em direções opostas
quando a polícia chegou.
perdi seu corpo negro
na cidade
e só descobri
pelos noticiários
sobre seu corpo negro
atingido por balas de borracha

¹² Lubi Prates é poeta, editora e tradutora. Já publicou os seguintes livros: *Coração na boca* (2012); *triz* (2016); e *um corpo negro* (2017), além de já ter participado de antologias nacionais e internacionais.

sobre seu corpo negro
detido porque tinha
uma garrafa de desinfetante
na mochila
sobre seu corpo negro
sempre no limite entre
a vida e a morte.
sobre seu corpo negro
na cidade
e seu corpo negro
poderia ser meu corpo
negro.

(PRATES, 2019, p. 75)

Os versos operam, em tons criativo e denunciativo, como dispositivos de resistência e do devir-revolucionário, posicionando-se mediante o genocídio de populações negras, o feminicídio e as experiências históricas e contemporâneas de destruição de homens e mulheres negras. Corpos negros da voz que canta e daquele que é entoado são sentenciados pela máquina da morte e marcados para ser violentados e alijados. Corpos negros tombam violentamente. Nem sempre, infelizmente, dá tempo resistir e forjar insurgências, nem na palavra poética nem no chão do existir.

Em “As mortes brasileiras”, de Jovina Souza, desfilam inúmeras mortes que justificam e naturalizam, injustamente, o genocídio da população negra.

A morte brasileira que mata a justiça é a primeira.
A morte aqui tem tarefas específicas.
Tem morte que mata a alma, os sonhos,
A identidade, as oportunidades e os saberes,
Tem morte só pra matar a voz, a esperança,
A família, a memória, a escrita e o cabelo.
Tem aquela outra que vem com a polícia,
acobertada pela bandeira brasileira

As mortes no Brasil vestem-se de branco
E caçam sem trégua nossa pele preta.
(SOUZA, 2018, p. 17)

Diversas mortes acometem aqueles de pele preta, semelhante à da voz poética, apontando como afirma Grada Kilomba:

“[...] O corpo negro é, ao mesmo tempo, desejado sexualmente e destruído fisicamente.” (KILOMBA, 2019, p. 159). Ao exterminá-los, não apenas seus corpos desaparecem. Seus sonhos, vozes, linhagem, memórias, escrita são, concomitantemente, extirpadas. Destroem existências!

Sujeitos poéticos cantam a vida de pessoas negras como de vivos-mortos que são acometidas de necropoder, outro conceito caro a Mbembe (2018). Além disso, sinalizam a sua existência como alvo de militarização e isolamento, bem como de soberania das polícias para usarem critérios peculiares sobre quando, onde e em quem atirar, outorgando-lhes o perverso e suposto direito, em nome da Ordem, de matar corpos que a tessitura de autoras negras almeja que permaneçam vivos. Cabe-lhe, inclusive, entoar odes que enalteçam modos inovadores e artísticos de recriar a existência tecidos por autoras negras.

Algumas considerações (in) conclusivas

Assenhoradas da palavra, autoras negras brasileiras apropriam-se do vivido ou imaginado, tornando-os inefáveis e ficcionalizados, provocando, ora fruição ora desassossegos, poéticos de existências e resistências. Elas também inscrevem e (re) escrevem, em seus versos e narrativas, recordações e lembranças, inventando memórias, igualmente, anacrônicas, pessoais e coletivas, esgarçando e diluindo fronteiras entre os eu (s) autorais, real e o ficcional. Conhecer as suas escrituras, nesse sentido, significa reconhecer-las como construções literárias, de aquilombamentos e ressignificações imaginárias do vivido e do porvir de ancestralidades, histórias, caminhos, sonhos, desejos, mas também desamores, angústias, dores, sofrimentos, advindos de suas insistências e persistências, do ato de existir e desmobilizar supostas verdades e fixidez do seu viver.

A poética da resistência é, na perspectiva do devir-revolucionário, encenada de modo insurgente e com ela inventam-se travessias e pontes insubmissas para seguir transcursores que se exibem em vicissitudes e idiosincrasias das existências. Assim utopias e distopias se canibalizam nessa tessitura, provocando desconfortos e micropolíticas que desestabilizem ou, ao menos,

desloquem possíveis ancoradouros da arte da palavra e vislumbrem outras possibilidades existenciais e literárias.

Referências

DELEUZE, G.; NEGRI, T. O devir revolucionário e as criações políticas. Entrevista de Gilles D. e Toni N. Trad João H. Costa Vargas. **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo. N. 28, outubro 1990. p. 67-73.

FONSECA, J. Guerrear. In: BARBOSA, Cléa; FONSECA, J.; OLIVEIRA, L. **Importuno Poético**. 2 ed. rev. Salvador: Mandinga, 2012.

FONSECA, J. Meu confronto, meu conforto. In: BARBOSA, C.; FONSECA, J.; OLIVEIRA, L. **Importuno Poético**. 2 ed. rev. Salvador: Mandinga, 2012.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade III – O Cuidado de Si**. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, M. Escritas de Si. In: **O que é um autor?** Portugal: 3 ed. Portugal, Lisboa: Vega, 1997.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 17 ed. Rio de Janeiro: Grall, 2002.

JESUS, C. M. de. **Quarto de Despejo**. Diário de uma Favelada. 9. ed. São Paulo: Ática, 2007.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação**. Episódios de racismo cotidiano. Trad Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MBEMBE, A. Necropolítica. **Artes & Ensaios**. Revista do PPGAV-EBA-UFRJ, n. 32, dezembro, 2016.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NATÁLIA, L. Asé. In: NATÁLIA, Livia. **Água Negra e Outras Águas**. Salvador: EPP; Caramurê Publicações, 2016.

NATÁLIA, L. 23 minutos. In: NATÁLIA, Livia. **Sobejos do mar**. Salvador: EPP, 2017.

OLIVEIRA, A. P. Resistência Preta. In: SARAU DA ONÇA (Org.). **O diferencial da favela**: dos contos às poesias de quebrada. Vitória da Conquista-BA: Galinha Pulando, 2019.

PRATES, L. perdi seu corpo negro. In: PRATES, Lubi. **um corpo negro**. São Paulo: nosotros editorial, 2019.

QUEIROZ, L. Tecitura. In: QUEIROZ, Louise. **girassóis estendidos na chuva**. Salvador: Boto-cor-de-rosa livros arte café; ParaLeLo13S, 2019.

SANTIAGO, A. R. Memórias poéticas de autoras negras: Reinvenções de (Re) Existências. **Itinerários**, n. 46, p. 35-50, jan-jun, 2018.

SANTIAGO, A. R. (Re) Existências e o Devir Revolucionário na Literatura Negro-Feminina. **Fólio – Revista de Letras**. V.10, n. 2, p. 11-33, jul-dez, 2018.

SOBRAL, C. Inusitada. In: ALVES, D.; NUNES, D.; PSEUDOPOETA, A.; SOBRINHO, C.; SOBRINHO, C.; et ali. **Enegrescência** – coletânea poética. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2016.

SOUZA, J. As mortes brasileiras. In: SOUZA, Jovina. **O Caminho das Estações**. Itabuna-BA: Mondrongo, 2018.

SOUZA, J. Mulher negra em movimento. In: SOUZA, Jovina. **O Caminho das Estações**. Itabuna-BA: Mondrongo, 2018.